

Psicopedagogia:
O olhar da perspectiva sócio-histórica de humanização

Fernando Wolff Mendonça

Fonoaudiólogo.

Especialista em Psicopedagogia

Mestre em Educação

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar, sob a ótica do trabalho psicopedagógico, conceitos básicos do processo de humanização dentro de uma perspectiva sócio-histórica, levando em conta as idéias postuladas por Vygotsky e seus pesquisadores de forma a entender o processo de produção das queixas de aprendizagem e estabelecer as relações destas com as trocas instrumentais e simbólicas realizadas nos processos de mediação entre sujeitos. Também pretende indicar alguns procedimentos metodológicos necessários para o entendimento da constituição destas relações e dos processos significativos decorrentes deles. Por fim, atribuir aos processos educativos a intencionalidade da formação da mente humana mediante as trocas que fazem entre si.

Palavras-chave: Psicopedagogia, sócio-histórica, educação, humanização.

Quando observo a criança colocada em minha frente, no meu espaço de trabalho, penso e percorro o caminho histórico que nos põe ali, frente a frente. Olho para ela e vejo em seus olhos a expressão de quem busca uma ajuda sem ainda saber o porquê, apenas dúvidas sobre o que está havendo em sua trajetória enquanto aprendiz. Remonto ao tempo do estágio na universidade onde questionava os reais motivos que levam uma criança a aprender a linguagem escrita, quando aquelas dúvidas sobre o processo da linguagem são observadas no olhar da criança em minha frente.

Em vinte anos de trabalho inúmeras coisas mudam na prática profissional de todos nós. Tentamos ao longo desta trajetória compreender os fenômenos complexos que tornam cada pessoa tão única e especial. Por quantas vezes as entrevistas de vida de cada uma das pessoas avaliadas ou observadas resgatam trajetórias tão peculiares e expõe situações tão complexas que nos remetem a pensar sobre como nós estaríamos se estivéssemos em tal situação.

Pois neste contexto, da prática profissional, que gostaria de expressar a construção de princípios do trabalho psicopedagógico que me levam a estar sempre motivado a atuar com

meus alunos/mestres, que ajudaram significativamente o meu trabalho de intervenção sobre os processos de aprendizagem e, de possibilidades de transformação de práticas destas pessoas, bem como a minha.

Para fundamentar este trabalho é preciso especificar o ponto de partida teórico com o qual tenho identidade. Penso que a psicopedagogia é uma prática profissional onde o conhecimento sobre o processo de humanização deve estar relacionado às condições concretas de vida, não apenas do sujeito em processo de escolarização, bem como do mediador deste processo, da família, da realidade social e cultural que cerca este grupo de pessoas. Por humanização entendo os processos de apropriação do sentido dos conceitos produzido dentro de contextos sócio-culturais que são necessários para a participação do sujeito em sociedade e para formação de sua consciência. Isto se faz presente nas palavras de Davidov e Zinchenko (1993) ao formularem os postulados de uma perspectiva sócio-histórica da seguinte maneira:

- a) A base do desenvolvimento mental do homem é uma mudança qualitativa em sua situação social (ou em sua atividade).
- b) A forma original da atividade é o seu desempenho, ampliado por um indivíduo, no plano externo (social).
- c) As novas estruturas mentais que se formam no homem derivam da internalização da forma inicial de sua atividade.
- d) Vários sistemas de signos desempenham um papel fundamental no processo de internalização (p.158).

Trabalhando e estudando o pensamento de Lev. S. Vygotsky (1896-1934) tenho construído alguns princípios fundamentados em diferentes autores desta corrente, onde posso citar Van der Vier, Valsiner, Wertch, Newman, Holzman, Davidov, Zinchenko, Smolka, Pino, Morato, entre tantos pesquisadores. Usando estes pensamentos e principalmente refletindo sobre a minha prática profissional discuto alguns conceitos que acredito serem relevantes para um trabalho psicopedagógico dentro dos princípios trazidos por Vygotsky.

Um dos pontos importantes a se discutir está relacionado ao papel do psiquismo na constituição do ser humano. Na perspectiva sócio-histórica os fenômenos psicológicos são elaborados humanamente à medida que os indivíduos participam de interações sociais e à medida que empregam instrumentos (tecnologia) (Pino, 1993). Este preceito delinea a idéia que as características próprias do comportamento superior, ou simbólico, se constroem nas interações humanas e nas mediações culturais decorrentes desta. Esta reciprocidade de atividades fez com que humanamente criássemos um comportamento simbólico único, além

de produzir mediante a atividade do trabalho, instrumentos de cultura que são mediadores das ações humanas e impulsionam o desenvolvimento cognitivo. Não propõem a perspectiva sócio-histórica a negação dos comportamentos biológicos do indivíduo, apenas deixa de modo bem claro, que estes processos, aos quais podemos chamar de subjacentes à função simbólica, não se caracterizam como um comportamento típico dos seres humanos visto que, como citado por Vygotsky (1986) são observados no comportamento dos animais também.

Esta função simbólica expressa principalmente pela criação da linguagem humana e por atributos cognitivos como a memória semântica, o pensamento verbal e a atenção concentrada devem-se ao desenvolvimento pela criação do processo de mediação semiótica, onde os elementos naturais são culturalmente transformados e classificados segundo os valores da cultura em que está inserida. Isto gera um sistema de significações sociais que são internalizados pelos membros desta sociedade e depois de validado por este grupo social, transforma-se em saberes. De posse destes conhecimentos o sujeito constrói para si um sistema de representação peculiar e único, ao qual chamamos de sentido, onde mediante a posse deste, ela poderá realizar suas próprias produções sócio-culturais.

Desta maneira, o ser humano desenvolve seu processo de formação da consciência, pois de posse dos instrumentos simbólicos e da possibilidade de participar de interações, ele constitui um complexo sistema de conceitos pessoais e sociais que permitem que com as funções de planejamento e comunicação desenvolvida pela linguagem, ele possa constituir conceitos sobre si mesmo, sobre os outros sujeitos e produzir ações transformadoras sobre o meio natural e social.

Neste sentido Davidov e Zinchenko (1993) nos esclarecem o ponto de vista de situação social de desenvolvimento quando citam Leontiev com respeito à relação da criança com a realidade social, concretizada por sua atividade: “quando estudamos o desenvolvimento da mente de uma criança, precisamos começar por uma análise do desenvolvimento de sua atividade conforme esta acontece em suas condições concretas de sua vida” (1988:285). Ou seja, o desenvolvimento psicológico se constitui na relação do sujeito com o mundo sócio-cultural.

É por meio da atividade partilhada que se constroem as significações, isto nos quer dizer que o olhar investigativo está voltado ao estudo das formas com as quais as interações entre pares se desenvolvem. Como dois sujeitos em interação estão partilhando seus saberes e seus conhecimentos sobre as condições da atividade, num processo mediador sócio-cultural onde os

conhecimentos são efetivamente trocados pelas suas significações. Entende-se que esta significação é de todos e de ninguém em particular, na medida em que incorpora a singularidade de cada um dos que a compartilham, porém ao compartilhá-las o sujeito constrói para si um sentido específico que promove a formação de novos conhecimentos e produz novas formas de pensar a materialidade da vida.

O olhar do investigador deve estar voltado para os processos e não objetos, pois somente em movimento que um sujeito mostra o que é, como pensa e produz seus conceitos. Bakurst (1986 apud Newman e Holman, 2002) analisa que “para Vygotsky, a identidade da psicologia como ciência dependia do grau em que ela poderia contribuir para a transformação do objeto que ela investiga. A tarefa da psicologia não era simplesmente espelhar a realidade, mas domá-la”.

Assim sendo, existe na prática psicopedagógica a necessidade de olhar os processos de modo diferente das formas tradicionais de observação do comportamento humano. É preciso um ato revolucionário. Nas palavras de Newman e Holzman (2002) “Aprender é revolucionar o que existe, o estado das coisas como são, é reinventar”. Assim deve partir de diferentes perspectivas para compreender a questão da queixa escolar. Porém a grande questão é como tornar esta prática válida dentro de uma perspectiva de trabalho fundamentada dentro desta visão de sujeito e de mundo.

Quando Vygotsky propõe que “não quero descobrir a natureza da mente costurando um monte de citações. Quero descobrir como a ciência deve ser construída, abordar o estudo da mente após ter aprendido todo o método de Marx (dialético)” (1986), traz clara sua pretensão de ter como fundamento à concepção materialista histórica de sujeito como referência inicial e final. Dentro desta perspectiva, entende-se o ser humano como produto de sua atividade em situações concretas de vida, ou seja, o curso de transformações que engloba o presente, as condições passadas e o que o presente tem de projeção futura. Ou seja, a visão de que cada ser humano é um ser inserido dentro de um “cenário” e, que desta maneira as condições que compõem este quadro estão influenciando diretamente o modo ser e agir do sujeito.

Isto se faz necessário, porque na concepção sócio-histórica de humanização não se contempla o sujeito dividido entre o biológico e o social, mas entende-se este sujeito construindo suas potencialidades humanas de forma dialética e integral. Esta é uma das questões centrais trazidas no momento em que Vygotsky (1978) propõe o rompimento com o

dualismo do pensamento racionalista e idealista de homem e propõe a visão dialética de sujeito onde este participa de interações sociais, transforma-se e transforma as pessoas que participam com ele, ao mesmo tempo em que a própria sociedade e a natureza são transformadas como consequência destas ações.

Entende-se então que o comportamento humano é um comportamento diferenciado de mútua produção de resultados e consequências com sua atividade, ou seja, dentro do que Marx (1993 apud Newman e Holzman, 2002) propõe, de relações dinâmico-causais, onde as atividades humanas não são desprovidas de intenção, mas sim, são carregadas de intencionalidade e causalidade, pois esta atividade tem como finalidade instrumentalizar o sujeito em suas relações com os diferentes segmentos de uma sociedade.

Assim, quando ouvimos a queixa decorrente do processo de escolarização deste sujeito, temos de investigar os processos históricos que levaram a constituição desta queixa, deixando para trás o aparente e realizar uma profunda investigação das histórias que estão subjacentes a esta demanda.

A investigação proposta por Vygotsky (1999), apoiada pelo método dialético de Marx, propõe a análise das múltiplas forças que determinaram a produção da situação (cenário), bem como, do posicionamento dos sujeitos sobre a própria situação, ou o estudo minucioso das forças produtoras deste cenário onde está inserida a queixa de aprendizagem. Comprometido com esta realidade, o sujeito investigador deve mediar o processo a ser investigado, entendendo os processos produtores do cenário, analisando criteriosamente a realidade onde os fatores determinantes e determinados são inseridos, e ter condições de criar instrumentos de análises compatíveis com as produções protagonizadas pelos envolvidos. Agindo desta forma, podem ser analisadas as categorias significativas e propor ações reflexivas sobre elas, gerando um processo de re-significação do cenário. Entende-se assim o que Vygotsky, (1999) propõem quando atribui o conceito de que o “método é ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, instrumento e resultado do estudo.”

Portanto, temos de ter uma atividade prática voltada à criação de instrumentos que visem em sua realidade à transformação da situação vivenciada pelos sujeitos em situação de aprendizagem de modo a poderem superar os processos a que estão inseridos, constituindo uma forma diferenciada de pensamento e discurso sobre a realidade.

Dentro deste enfoque, na perspectiva sócio-histórica entendemos a afirmação de Marx que nos põe a refletir sobre que papel tem o contexto social na vida de todos. Ele afirma: “não

é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como do próprio indivíduo; na segunda, que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e se considera a consciência unicamente como consciência deles”. (Marx e Engels, 1973:47 apud Newman e Holzman, 2002)

Devemos saber elaborar instrumentos-resultados criados dentro de contextos de vida onde nossos sujeitos saibam produzir atividades específicas sobre o proposto para que possamos entender as formas de conhecimentos envolvidas na atividade executada. Agindo assim podemos perceber os sentidos produzidos nestas atividades e mediar novos processos significativos para que o mesmo venha a produzir novos sentidos em sua ação sobre a realidade, re-significando os seus atos.

Estes instrumentos, geralmente de análise qualitativa da dimensão do sujeito, têm sido desenvolvidos por diferentes profissionais no âmbito da perspectiva sócio histórica. Podemos citar o trabalho publicado por Góes (2000) sobre a análise micro-genética, a entrevista de história de vida proposta por Chizzotti (2001), e o estudo sócio-cultural de Luria (1988) e a análise dos processos semióticos propostos dentro do referencial de Pino (1995). Todos nos ajudam a buscar novas interpretações sobre a pergunta feita por VYGOTSKY sobre o comportamento humano: “Que novas formas de atividade foram responsáveis por estabelecer o trabalho como meio fundamental de relacionamento com a natureza e quais as conseqüências psicológicas desta forma de atividade?” (1999). Esta questão nos remete ao papel que o processo educativo tem no comportamento humano. Sabemos que não é apenas este, mas também este, pois se ao longo de sua história o homem vai desenvolvendo uma produção instrumental e simbólica, vai constituindo novas formas de pensar e de entender seu próprio comportamento e o comportamento cultural. A questão educativa tem o papel fundamental de humanizar a criança em seu processo de desenvolvimento.

Se sabemos que desde cedo a criança busca modelos de imitação, para apropriar-se de experiências produzidas por sujeitos mais experientes, sabemos que estas trocas instrumentais e simbólicas permitem a construção de um status mental diferenciado e simbólico. Temos de concordar com Vygotsky quando ele atribui a educação o papel de “humanizadora do homem, pois os processos humanos têm gênese na relação com o outro e com a cultura e são as relações que devem ser analisadas ao examinar o curso da ação do sujeito” (1999). Desta forma entendemos ser necessário o olhar psicopedagógico sobre os processos produtores dos

atos educativos, estejam eles nas relações desenroladas no interior do espaço familiar, escolar, de vizinhança ou qualquer meio cultural onde se produzam relações simbólicas e instrumentais para apropriação do sujeito.

Portanto, o profissional da psicopedagogia deve estar profundamente comprometido com os processos de investigação, com o contexto social e cultural da realidade material que vive. Ele apenas poderá produzir processos de re-significação na medida em que tem clareza dos processos vivenciados por seus sujeitos de análise. Deve ter o entendimento que estas relações processuais e que geram as formas de pensar, agir e falar são características de cada indivíduo. Afinal, estão nas significações culturais transmitidas pelas pessoas com as quais interagimos o processo de constituição de nossas mais elaboradas formas de consciência da realidade concreta em que vivemos.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Tendências atuais da pesquisa na escola*. *Cadernos Cedes* 43, 1997.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. 5^a. ed. São Paulo: Cortez, 2001
- GOES, M.C.R. “A abordagem microgenética na matriz histórico cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade”. In: *Caderno CEDES ano XX* no. 50, abril de 2000. Campinas SP.
- _____ “A natureza social do desenvolvimento psicológico”. *Caderno CEDES* 24. *Pensamento e linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética*. Campinas: Papiros, 3^a. ed., 2000.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa (Portugal): Horizonte Universitário, 1977.
- LURIA, A.R. “Diferenças culturais de pensamento”. In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R., e LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988b, cap. 3.
- MEIRA, L. “Análise microgenética e videografia: Ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva”. *Temas em Psicologia* 3, 1997, pp. 59-71.
- MOLL, L. C. *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- MOLON, S. I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. *Lev Vygotsky: cientista revolucionário*. Edições Loyola. SP. SP, 2002.
- PINO, A. “Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural”. *Temas em Psicologia* 2, 1995, pp. 31-40.
- _____. “O conceito de mediação semiótica em Vygotsky”. In: *Caderno Cedes*. Campinas: Papirus, n. 24, 2ª ed., 2000
- REY, F. L. G. “El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski”. *Educación e Sociedade*, São Paulo, ano XXI, n. 70, p. 132-148, abr./2000.
- . _____. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- SMOLKA, A.L.B. “Esboço de uma perspectiva teórico-metodológica no estudo de processos de construção de conhecimento”. In: GÓES, M.C.R. e SMOLKA, A.L.B. (orgs.). *A significação nos espaços educacionais: Interação social e subjetivação*. Campinas: Papirus, 1997, cap. 2.
- VYGOTSKY, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, cap. 1.
- _____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. “A psicologia concreta do homem”. *Revista educação e sociedade*, Campinas, ano XXI, n. 71, 2000.
- WERTSCH, J.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. *Estudos sócio-culturais da mente*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.